

# Editorial / Editorial

O pensamento contemporâneo reflete a intensa polêmica em torno aos cenários possíveis sobre o futuro da humanidade face às mudanças radicais que vem ocorrendo com o isolamento social imposto pela pandemia do coronavírus. Para Pierre Salama acabaram os dias de um sistema de globalização tal como foi praticado até agora e o momento parece propício ao fortalecimento do Estado. O economista francês antevê uma “nova grande transformação”. Preocupado com o futuro incerto, Slavoj Žižek afirma que o impossível aconteceu e o mundo que conhecíamos parou de girar. Mas, o que é o impossível? Que ordem mundial surgirá? Se questiona o escritor e filósofo esloveno. Giorgio Agamben desenvolve reflexões desafiadoras no âmbito da biopolítica. Nossa sociedade, pondera o filósofo italiano, reduziu o ser humano a seu aspecto estritamente biológico – “a vida nua”; e as medidas adotadas pelas autoridades sinalizam a instauração de um estado de exceção. Na visão de James Petras, os interesses imperialistas se fortalecem nesse contexto de inquietude e desesperança, apesar da precariedade política e social que assola os Estados Unidos, acentuando a pobreza de grandes contingentes populacionais. A entrevista do sociólogo estadunidense abre a presente edição.

Integrante do conselho consultivo de *Tensões Mundiais*, revista que prestigiou com contribuições anteriores, James Petras expõe um panorama instigante da realidade contemporânea. Discute o recente governo do presidente Joe Biden e observa indícios de uma gestão que será implacável com os países que considera inimigos. Profundo conhecedor da América Latina, conclui sua entrevista com breve apreciação sobre as desestabilizações no Continente, a situação do Congo e as eleições em Israel.

Os três primeiros artigos trazem olhares distintos e de épocas diferentes sobre o colonialismo e sua dinâmica de exploração. Marco Gabbas propõe uma interpretação da obra de Franz Fanon, por meio da análise dos conceitos de ódio e formação do inimigo.

Assim, busca demonstrar a construção do seu pensamento anti-colonialista, sua crítica ao nacionalismo e ao imperialismo que adotam estratégias de modificação da subjetividade, por meio da utilização da linguagem para estabelecer a identidade imperialista, com os termos 'colonizador' e 'colonizado' usados de forma a moldar psicologicamente os nativos.

À luz da teoria pós-colonial, um grupo de pesquisadores em estudos literários da Universidade Federal de Rondônia se debruça sobre o romance *Beiradão* do escritor manauara Álvaro Maia, cuja narrativa gira em torno do seringueiro, figura relegada no imaginário nacional. Fancliene Batista, Edimilson Macêdo, Ronilson Lopes e Sônia Sampaio apresentam breve histórico dos ciclos da borracha nos séculos XIX e XX em que houve a predominância do capital estrangeiro para implementar a extração do látex nos seringais amazônicos e o processo de migração para essas localidades. Em um contexto de profunda exploração, a vida nos seringais era marcada por miséria, segregação, doenças e o incessante processo de objetivação dos seringueiros em uma dinâmica colonial.

Na sequência, as autoras Giordana da Silva e Alessandra Marchioni abordam a relação entre dívida pública e o processo de subalternização dos Estados nacionais, sobremaneira pelos países do Norte com alto índice de industrialização e desenvolvimento tecnológico. Demonstram que as relações de poder entre países centrais e periféricos perpetuam a dinâmica colonial por meio da imposição de agendas neoliberais, utilizando como principal componente ideológico o processo de fetichização da dívida pública.

O próximo bloco de matérias tem em comum o pensamento liberal, conservador, da nova direita. No artigo de Fábio Bacila Sahd nos deparamos com uma cartografia conceitual sobre o caráter do bolsonarismo, delimitando a discussão teórica produzida entre os anos de 2018 e 2020. São analisadas criticamente as opiniões políticas de figuras proeminentes nos círculos acadêmicos em um esforço classificatório acerca de um possível ressurgimento do fenômeno do fascismo após a vitória de Bolsonaro. Relacionando a situação brasileira com outras experiências internacionais, os intelectuais mencionados podem ser agrupados em

duas vertentes interpretativas da extrema-direita contemporânea: neofascismo e pós-fascismo.

A eleição de Jair Bolsonaro também é objeto de atenção de dois jovens cientistas políticos que discutem o populismo com amparo em teóricos que problematizam sua interface com o autoritarismo. Emanuel Freitas da Silva e Monalisa Soares Lopes examinam os discursos proferidos pelo presidente, por ocasião de manifestações de apoio a seu governo, entre março e maio de 2020, identificando na defesa da ruptura institucional, a face autoritária do populismo. No Ceará, crescem os grupos liberais inseridos nas instituições de ensino superior, públicas e privadas, conforme pode se verificar na pesquisa realizada por Estêvão Lima Arrais, no início de 2018, sobre a forma de organização e de propagação de ideias de cinco grupos. A presença de um mesmo apoiador e conselheiro para todos os grupos estudados revela a existência de investimentos internacionais, a exemplo da Rede Atlas, um centro de treinamento de lideranças e difusão do liberalismo, que conta com 450 fundações, das quais 13 no Brasil.

Afinal, incomoda ao jogo de forças das grandes potências a inserção ativa e independente do Brasil em âmbito mundial. No Governo do PT, presidido por Luiz Inácio Lula da Silva, no período compreendido entre 2003 e 2010, foi prioridade a implantação de uma política de defesa nacional assertiva. Esse o tema escolhido por Patrícia Borelli e Adriano de Freixo. Os fatores elencados para explicar o fenômeno, a partir da articulação entre diferentes interesses e grupos políticos, perpassam pelo protagonismo internacional do Brasil que exigiria um aparato militar vigoroso, pelo crescimento da indústria nacional de defesa com revitalizações e incentivos, como parte da estratégia nacional de desenvolvimento, além da crise da aviação que motivou o fortalecimento político do Ministério da Defesa, na figura de um ministro civil que promoveu mudanças substanciais na pasta.

Iann Lobo e Osmar Resende Júnior discutem, com base no trabalho teórico de Mouffe e Laclau, algumas transformações do marxismo com foco na noção de contingência. Esse princípio, presente na fundação epistemológica do pensamento filosófico e político a partir do século XX, resume-se na morte dos absolutos

em favor do contingente. O encontro com Gramsci, principalmente o conceito de hegemonia, permite que os autores produzam uma noção própria sobre a construção de sujeitos políticos, visando uma forma radical de democracia. Concluem propondo uma reflexão sobre o que resta do marxismo no pós-marxismo.

Os Editores